

quattro concertos de  
**Boccherini**

**Divino Sospiro**

Enrico Onofri  
Gaetano Nasillo

**CCB**





# quatro concertos de **Boccherini**

**Gaetano Nasillo** violoncelo

**Enrico Onofri** direcção

**Divino Sospiro**

programa

**Luigi Boccherini** 1743-1805  
**Concertos para violoncelo e orquestra**

Concerto para violoncelo e orquestra  
em Ré Maior, G 479

*Allegro*

*Adagio*

*Allegro assai*

Concerto para violoncelo e orquestra  
em Sol Maior, G 480

*Allegro*

*Adagio*

*Allegro*

intervalo

Concerto para violoncelo, orquestra  
e duas trompas em Dó Maior, G 481

*Allegro moderato*

*Adagio*

*Allegretto*

Concerto para violoncelo, orquestra  
e duas trompas em Si bemol Maior, G 482

*Allegro moderato*

*Andantino grazioso*

*Rondò allegro*

**13 Outubro 2007**

Pequeno Auditório

21H

duração aproximada > 1H20 c/intervalo

co-produção > CCB/Divino Sospiro, Orquestra em residência

Classificação etária > m/12 anos

## LUIGI BOCCHERINI

(Lucca, 19 Fevereiro 1743 – Madrid, 28 Maio 1805)



A paixão com que a música italiana conquista a Europa decorre de percursos de vida como o de Boccherini. As viagens, o violoncelo e o virtuosismo, assim como a luta pelo sucesso comercial, pautam a carreira deste concertista e compositor. Vive numa altura em que a fruição musical deixa o exclusivo dos salões da aristocracia. A burguesia, cada vez mais decisiva na sociedade, enceta um quadro de transformações ao nível do gosto e dos costumes. Do barroco vislumbra-se já o estilo clássico. Dos jardins à francesa caminha-se para uma naturalidade mais aprazível e próxima. Do espanto causado pela complexidade técnica vai-se avançando para a sensibilidade da expressão musical. Boccherini inscreve-se no tempo desta mudança.

Não abunda a informação sobre a sua vida. Nascido numa família de músicos, torna-se um menino-prodígio do violoncelo. Desde muito cedo parte em digressão pela Europa com o pai e os irmãos. Destas viagens resultará uma apresentação triunfal em Viena, quando contava apenas treze anos. Por lá permanecerá tocando essencialmente música de bailado como a de C. W. Gluck (1714-1787). Por muito talento que tivesse, o facto é que nem a Áustria nem a Itália ofereciam condições para um virtuoso sobreviver. Ainda assim, mesmo encontrando muita competição, registam-se dois concertos a solo em Viena no ano de 1763. A partir daqui começa a receber encomendas para as suas composições, passando a ser reconhecido também como compositor. A sua proveniência, o seu instrumento e o estilo que pratica formam uma combinação muito apetecível para a época. É justamente o tempo da confrontação de duas grandes matrizes de gosto, conforme a ópera o reflecte. Sendo este o género mais importante em voga vai proporcionar também o entendimento para o que se passa no domínio da música instrumental. Mas já lá vamos... O prestígio entretanto conseguido pelo jovem italiano permite-lhe continuar a viajar, ainda e sempre, com o pai. Em digressão por Cremona e Pavia encontra-se com G. B. Sammartini (ca. 1700-1775), que pode muito bem ser intitulado como o grande pioneiro da sinfonia. O luto pelo pai não interrompe o seu percurso. De seguida parte para Génova, onde recebe o patrocínio de nobres, e em 1767 instala-

-se por um breve período em França. Primeiro Nice e depois Paris durante seis meses, sob a protecção do barão de Bagge. Nesse mesmo ano faz publicar os seus primeiros quartetos e trios para no ano seguinte receber críticas elogiosas pelas suas “obras muito eficazes”.

Neste momento, Boccherini já tem nome na cena musical. Edita as suas obras num dos mercados mais importantes, como é o caso de Paris, e mantém a fama de virtuoso. É um músico do seu tempo: o tempo que é precisamente o do debate esclarecido sobre o gosto musical. Paris tinha vivido a chamada *Querelle des Buffons*. Uma disputa, principalmente através de artigos escritos, que confrontava os partidários da tradição francesa da ópera, plena de artificios e de dificuldades, e os que defendiam a natureza simples e sensual do canto italiano. A emancipação da classe média explica esta vontade pelo simples e pelo natural. Tendo estas alterações civilizadas sido despoletadas pela reapresentação, em 1750, do *intermezzo La Serva Padrona* (1733) de G. B. Pergolesi (1710-1736), representam positivamente uma alteração das expectativas do público. Ora, Paris é o berço desta mudança e portanto é o sítio certo para o músico italiano. Mais ainda quando se tinha instituído, anos antes, o *Concert Spirituel*, séries de concertos de música sacra e instrumental fundadas em Paris por Danican Philidor (1726-1795) e outros músicos da Ópera de Paris, que marcam o início da prática de música instrumental para o público em geral. Durarão até à Revolução. É neste contexto de abraço à música italiana que Boccherini vai publicar os seus *Concertos para violoncelo*. É por esta razão também que é um músico do seu tempo.

Na segunda metade do século XVIII, o **violoncelo** protagoniza uma trajectória semelhante à da sinfonia. Ambos radicam da ópera. Da sua função de abertura e de chamada do público – porque o espectáculo vai começar –, a sinfonia transforma-se, muito por intermédio de Sammartini, num género autónomo. O violoncelo passa a ser apresentado em concertos de música instrumental. O violoncelo parte também da função de instrumento acompanhador dos cantores para assumir o papel de solista. Dos conservatórios de Nápoles vão surgindo os primeiros virtuosos do violoncelo que editam também os

primeiros métodos. O Iluminismo na música caracteriza-se também pelo aparecimento de manuais educativos tanto de composição, como de execução de instrumentos. Estes virtuosos, como Francis(h)ello (1691-1739), brilham, ensinam, editam e, mais importante, viajam. Da maneira como o violoncelo é recebido em Paris basta referir que o fundador da escola de violoncelo francesa era violinista. Tendo certa vez ouvido Francis(h)ello, nascido Francisco Alborea, passou a dedicar-se ao instrumento da moda. Trata-se de Martin Barteau (1708-1771), que teve como aluno Jean Pierre Duport (1741-1818), que teve como aluno o príncipe Frederico Guilherme, que teve como compositor da sua corte Luigi Boccherini. Isto a partir de 1786.

Dos **Concertos** sabe-se que foram editados em Paris entre 1770 e 1771, quando Boccherini já se encontrava em Madrid sob a protecção do infante D. Luís, irmão do rei Carlos III (1716-1788). Este conjunto de quatro obras reflecte a mudança de gosto supracitada. Dos vestígios barrocos do *Concerto n.º 6* aos traços clássicos do *Concerto n.º 9* é notória a ausência de uma unidade de estilo. Algo perfeitamente normal numa altura em que o estilo clássico ainda se está a formar. A musicologia aponta o terceiro quartel do século XVIII como uma fase muito experimentalista. A recusa do tradicionalismo de Gluck, a paixão e o dramatismo sincopados de C. P. E. Bach (1714-1788) e a violência das sinfonias dos anos sessenta de J. Haydn (1732-1809) mostram bem o que se acaba de dizer. Também os concertos serviam sobretudo para o compositor mostrar publicamente duas capacidades: a de autor; e a de instrumentista. Quanto mais originais mais chamariam a atenção. O habitual era que todos os músicos fossem compositores. As obras deste compositor de carácter muito luminoso, uma vez que são todas em tonalidades maiores – aliás uma característica do compositor – seguem o padrão formal do concerto italiano com três andamentos rápido-lento-rápido. Em todas aparece a divisão nítida entre solo e *tutti* orquestral, sendo que os últimos andamentos são sempre mais rápidos e numa métrica ternária.

O *Concerto n.º 6*, G. 479 (c. 15 minutos), apenas para cordas, inicia-se com um *Allegro* de grande

vivacidade em que o ritmo harmónico rápido mostra bem a sua afinidade com o estilo barroco. Depois do primeiro *ritornello* vem o primeiro episódio solístico. A entrada do violoncelo harmonizado com os violinos é também uma marca de Boccherini. O facto do solo ser acompanhado remete já para uma evolução – poder-se-ia dizer muito pessoal – a partir do barroco. A *cadenza* que o solista executa protagoniza um momento de algum dramatismo e de grande exigência técnica. O *Adágio* segue uma tipologia de dança cortesã de perfil muito galante em que o *tutti* serve educadamente os caprichos de uma linha solística de grande fragilidade. Termina com um *Allegro assai* de grande temperatura. Mais uma vez estabelece a ponte entre um passado e um presente. A velocidade e o contorno melódico que fazem lembrar A. Vivaldi (1678-1741) que convivem com contrastes dinâmicos menos abruptos que anunciam uma época de maior sensibilidade.

Também o *Concerto n.º 7*, G. 480 (c. 16 minutos) é escrito apenas para cordas, à boa maneira barroca italiana. O *Allegro* apresenta semelhanças em relação ao *n.º 6*. Depois de um gesto inicial de alguma pompa o solo continua com o acompanhamento dos violinos. A entrada secreta do solista, se assim podemos chamar, será desenvolvida mais tarde por alguém como W. A. Mozart (1756-1791). Aqui apresenta-se uma *cadenza*, mais eficaz que virtuosa, para concluir de forma bem simples com o *tutti*. No segundo andamento, *Adágio*, temos um momento de alguma profundidade e beleza. Como se mantivesse sempre o mesmo afecto, o violoncelo inicia, com uma nota muito longa, um sentido lamento acompanhado por um *tutti* que compreende uma toada de grande serenidade. É aqui que podemos ver a cumplicidade com a ópera. Poder-se-ia dizer que se trata de uma ária cantada por uma rainha abandonada num qualquer terceiro acto de uma ópera séria. Contrasta o *Allegro*. De volta à luz. Com o ritmo de alegria de uma *giga*, os contrastes dinâmicos são mais acentuados e também a uma velocidade harmónica assinalável. O *Concerto* finaliza por intermédio de uma *cadenza* que mistura sensibilidade e virtuosismo. A conclusão pelo *tutti* é muito curta.

No *Concerto n.º 8*, G. 481 (c. 16 minutos) conta-se já com a presença das trompas. O *Allegro moderato* inicia-se logo com um colorido orquestral enriquecido

pelos metais. Boccherini sofisticava a sua linguagem não só em timbre como também na retórica apresentada. Os episódios *ritornelli* sucedem-se de forma bem mais melíflua. Os três episódios solísticos têm cada um o seu carácter. O primeiro e o terceiro são de grande virtuosismo, embora diferenciado. O segundo é claramente mais lírico. A própria *cadenza* é mais económica e o gesto orquestral com que conclui é muito bem conseguido. O *Adágio* surge muito bem enquadrado no seguimento. À linha melódica de grande elegância acompanha com grande sobriedade uma textura orquestral em perfeito diálogo com a primeira. O equilíbrio formal conseguido até aqui é continuado no terceiro andamento. O *Allegretto* conclui com grande leveza ao mesmo tempo que apresenta uma escrita virtuosística. Este Concerto marca claramente uma evolução no exercício compositivo de Boccherini.

O *Concerto n.º 9*, G. 482 (c. 18 minutos) apresenta uma grande maturidade em relação aos primeiros. O *Allegro moderato* trata as passagens entre solo e *tutti* de uma maneira muito fluida, o que já é uma característica marcadamente clássica. O dramatismo conseguido pela utilização frugal do registo agudo do violoncelo e de um virtuosismo menos artificioso, a orquestração muito rica e uma *cadenza* extremamente elegante são os elementos que traduzem melhor o estilo clássico emergente. O *Andante grazioso* apresenta uma textura de um contraponto extremamente suave, cujo contraste com o primeiro andamento é perfeito. Embora possa ser sentida uma certa reminiscência dos hinos de G. F. Handel (1685-1759), a verdade é que a simplicidade conseguida traduz uma consciência artística bem apurada. Finaliza o *Rondo: Allegro*. Através da alteração de um mesmo tema – que faz lembrar o do primeiro andamento – com outros diferentes, Boccherini utiliza a forma *rondó* com grande maestria. Esta forma é típica do estilo clássico, assim como também o é a adaptação de ritmos de dança populares. Os contrastes temáticos são de grande racionalidade. Entre ritmos pontuados e sincopados, registos agudo e grave, e uma *cadenza* que se compõe de grande dificuldade, a variedade apresentada reflecte uma escrita solística de grande arrojo e perfeitamente *à la mode*.

## GAETANO NASILLO



Obteve o diploma em violoncelo no Conservatório Giuseppe Verdi de Milão, na classe de Rocco Filippini, e mais tarde prosseguiu os estudos na Academia W. Stauffer em Cremona. Após um período de intensa actividade como violoncelista dedicou-se ao estudo de viola da gamba, na Schola Cantorum Basiliensis, com Paolo Pandolfo.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, Estados Unidos e América do Sul colaborando como solista em prestigiados agrupamentos europeus (Ensemble 415, Concerto Vocale dirigido por René Jacobs, Le Concert des Nations dirigido por Jordi Savall, entre outros).

Fez mais de sessenta gravações para etiquetas como a Harmonia Mundi, Ricordi, Teldec e Zig-Zag Territoires e que receberam os mais prestigiados prémios.

Gravou em 2004 para a Zig-Zag Territoires as *Sonatas para violoncelo e baixo contínuo* de Salvatore Lanzetti, com o Ensemble 415, e os *Concerti* de Nicola Porpora, N. Fiorenza e Leonardo Leo.

Lecciona violoncelo barroco na Accademia Internazionale della Musica de Milão e no Conservatório Vincenzo Bellini de Palermo e também dá frequentemente *masterclasses*. Gaetano Nasillo toca num violoncelo construído por Barak Norman em Londres, em 1710.

## ENRICO ONOFRI

Nasceu em Ravenna. Estudou violino na sua cidade natal e em Milão. Desde muito cedo iniciou colaborações com diversos conjuntos barrocos italianos, em particular com Il Giardino Armonico do qual se tornou concertino e solista. Entretanto foi convidado por Jordi Savall como concertino da La Capilla Reial tocando com agrupamentos como o Concertus Musicus Wien, o Ensemble Mosaïques, o Concerto Italiano, entre outros.

Em 2002, Enrico Onofri iniciou a carreira de maestro com grande êxito, tendo sido convidado por diversas orquestras e festivais por toda a Europa e Japão. Desde 2005 é maestro principal da orquestra Divino Sospìro (orquestra barroca em residência no Centro Cultural de Belém) e também maestro convidado da orquestra italiana Academia Montis Regalis. Ainda em 2005 fundou o *ensemble* Imaginarium, interpretando o repertório para violino dos grandes compositores italianos.

Enrico Onofri já se apresentou nas salas de concerto mais prestigiadas, como Musikverein e Konzerthaus em Viena; Mozarteum em Salzburgo; Philharmonie e Unter den Linden Operahouse em Berlim; Alte Oper em Frankfurt; Concertgebouw em Amsterdão; Teatro San Carlo em Nápoles; Carnegie Hall e Lincoln Center em Nova Iorque; Wigmore Hall e Barbican Hall em Londres; Tonhalle em Zurique; Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Chatelet em Paris; Auditório Nacional em Madrid; Oji Hall em Tóquio; Osaka Symphony Hall; Teatro Colon em Buenos Aires – e com artistas como Nikolaus Harnoncourt, Gustav Leonhardt, Christophe Coin, Cecilia Bartoli, Katia e Marielle Labèque.

Muitos dos CD gravados por Enrico Onofri (Teldec, Decca, Astrée, Winter&Winter, Opus111, Virgin, etc.) obtiveram os mais prestigiados prêmios internacionais – Gramophone Award, Grand Prix des Discophiles, Echo-Deutsche Schallplattenpreis, Prêmio Caecilia Cini de Veneza, La Nouvelle Academie du Disque, e ainda numerosos Diapasons d’Or, Choc de la Musique, 10 de Répertoire des disques compacts. Muitos dos seus concertos foram transmitidos ao vivo por estações de rádio da Europa, América, Ásia e Austrália.

Desde 2000, Enrico Onofri é professor de violino barroco e interpretação de música barroca no Conservatório Bellini de Palermo.

Tem sido convidado para leccionar *masterclasses* em vários países europeus, entre eles a Itália.



# DIVINO SOSPIRO

A Orquestra Divino Sospiro foi criada pelo músico italiano Massimo Mazzeo. Nasceu da determinação de um grupo de músicos portugueses e estrangeiros, a residir em Portugal, que durante algum tempo desenvolveram um trabalho de grande qualidade artística na área da música antiga, seguindo os princípios de fidelidade estilística e estética do período barroco e propondo um repertório constituído por compositores do universo musical desta época. O grupo já participou em diversos festivais musicais, destacando-se, entre muitos outros, a Festa da Música do CCB, nas edições de 2003, 2005 e 2006. Para além destas apresentações, fez uma importante digressão por Itália, onde recebeu uma entusiástica atenção da crítica e do público. Na sequência deste importante sucesso, o Divino Sospiro foi convidado a participar em prestigiados festivais nacionais: Encontro de Música Antiga de Loulé, Festival de Música de Leiria e no Teatro Nacional de São Carlos; no estrangeiro, participou no Festival d'Ille de France, concerto que foi gravado para a Radio France; o conceituado Festival d'Ambronay, onde o grupo teve a honra de actuar no concerto de encerramento; e, mais recentemente, na Folle Journée au Japon, na cidade de Tóquio, com excelentes críticas dos analistas e do público.

A actividade artística do agrupamento inclui a gravação de um CD com música portuguesa para a etiqueta Decca Company, assim como a estreia para a etiqueta Zig-Zag Territoires e a gravação ao vivo do concerto dedicado a W. A. Mozart (*Sinfonia n.º 40*, K. 550 e *Serenata notturna*, K. 239) para a etiqueta japonesa Nichion. O grupo conta ainda com digressões por França, Espanha, Itália e Japão. Das múltiplas acções do Divino Sospiro merece ainda especial ênfase a forma empenhada como se tem dedicado ao aperfeiçoamento pedagógico e musical. Neste âmbito, o grupo deu os seus primeiros passos com a organização de *masterclasses* de violino barroco orientadas pelos prestigiados violinistas Chiara Banchini e Enrico Onofri, em colaboração com a Escola de Música do Conservatório Nacional e com o Centro Cultural de Belém. Nesta primeira iniciativa, contaram com a relevante presença de Rinaldo Alessandrini, Enrico Onofri, Chiara Banchini e Alfredo Bernardini. No Verão de 2007, a Universidade de

Évora convidou o fundador do grupo a organizar um curso de verão na área da música antiga. Este festival irá envolver a presença de alguns dos maiores nomes: Gustav Leonhardt, Maria Cristina Kiehr, Enrico Onofri, Alfredo Bernardini e Gaetano Nasillo.

A Orquestra Divino Sospiro já se apresentou em concertos onde contou com a presença de algumas das maiores celebridades do panorama artístico musical a nível mundial, como Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Alfredo Bernardini, Enrico Onofri, Christophe Coin, Katia e Marielle Labeque, Christina Pluhar, Alexandrina Pendachanska, Gemma Bertagnolli, entre muitos outros. É actualmente a orquestra em residência no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, oportunidade fundamental e de recíproca importância para o desenvolvimento em Portugal de uma realidade artística de alta qualidade a nível internacional. O grupo conta regularmente com a direcção de Enrico Onofri, que aceitou o convite para Maestro Oficial deste agrupamento.

DIRECÇÃO

**ENRICO ONOFRI**

1.º VIOLINO

**ALESSANDRO TAMPIERI**

VIOLINOS I

**ISKRENA YORDANOVA**

**MIRIAM MACAIA**

**MARIA CRISTINA VASI**

VIOLINOS II

**FRANCESCA VICARI**

**NUNO MENDES**

**REYES GALLARDO**

VIOLA

**MASSIMO MAZZEO**

VIOLONCELOS

**DIANA VINAGRE**

**SARA BENNICI**

CONTRABAIXO

**MARTA VICENTE**

TRAMPAS

**PAULO GUERREIRO**

**BRUNO HIRON**

## CCB

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA \ PRESIDENTE | ANA ISABEL TRIGO MORAIS \ VOGAL | MARGARIDA VEIGA \ VOGAL

### CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS > MIGUEL LEAL COELHO | ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO > LUÍSA TAVEIRA | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO > ANABELA BORGES | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO > CARLA RUIZ | PRODUÇÃO > PAULO BARBOSA, JOÃO OLIVEIRA, INÊS CORREIA, PATRÍCIA SILVA | ASSISTENTE DE PRODUÇÃO > RITA BAGORRO | DIRECTOR DE CENA > ROSÁRIO VALE | DIRECÇÃO DE CENA > JONAS OMBERG, JOSÉ VALÉRIO, PEDRO RODRIGUES, PATRÍCIA COSTA | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA > LUÍSA INÊS FERNANDES | DIRECTOR TÉCNICO > PAULO GRAÇA | DIRECTOR TÉCNICO ADJUNTO > JOÃO GARRIDO | ASSISTENTE DE DIRECÇÃO TÉCNICA > RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA > SOFIA MATOS | CHEFE TÉCNICO > SIAMANTO ISMAILY | CHEFE DE EQUIPA > PEDRO CAMPOS | PRIMEIRO TÉCNICO DE PALCO > LUÍS O. SANTOS, RAUL SEGURO | SEGUNDO TÉCNICO DE PALCO > ARTUR BRANDÃO, FERNANDO MARQUES, F. CÂNDIDO SANTOS, JOSÉ CARLOS ALVES, JOSÉ CARLOS MARTINS, MÁRIO SILVA, NICOLAU NUNES, PAULO J. RODRIGUES, RUI CROCA, VÍTOR PINTO, CÉSAR NUNES, HUGO CAMPOS, RICARDO MELO, RODRIGO OLIVEIRA | PRIMEIRO TÉCNICO DE OFICINA DE MANUTENÇÃO > J. PAULO SANTANA | SEGUNDO TÉCNICO DE OFICINA E MANUTENÇÃO > LUÍS TEIXEIRA, VÍCTOR HORTA | CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS > NUNO GRÁCIO | TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS > RUI LEITÃO, LUÍS GARCIA SANTOS, PAULO CACHEIRO, NUNO BIZARRO, EDUARDO NASCIMENTO | ESTAGIÁRIO > NUNO RAMOS



